

Setor de celulose e papel tem projetos de R\$67 bi até 2028

Expansão Projetos bilionários serão colocados em pé até 2028; empresas nacionais e estrangeiras já preparam novo ciclo de investimentos para crescimento

Papel e celulose terão R\$ 67 bi em aportes

Stella Fontes
De São Paulo

A indústria de base florestal instalada no país anunciou investimentos de mais de R\$ 67 bilhões até 2028, direcionados majoritariamente a projetos de celulose e papel, e um novo ciclo bilionário de desembolsos já está sendo gestado.

A previsão de crescimento estrutural da demanda global de celulose, assim como do consumo doméstico de embalagens e de papéis de higiene (tissue), e a competitividade do Brasil nesse mercado seguirão impulsionando o plantio de florestas e a ampliação da capacidade instalada no país, atraindo recursos de investidores locais e estrangeiros.

"Depois dos investimentos anunciados até 2028, vamos ter mais. O potencial do Brasil é enorme, porque tem os elementos-chave: produtividade, terras e ciência", afirma o presidente executivo da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), Paulo Hartung, referindo-se também ao conhecimento acerca do manejo e melhoramento de florestas (silvicultura) cultivadas produzindo localmente nas academias e nas empresas, ao longo de décadas.

Ex-governador e senador do Espírito Santo, Hartung diz que se estivesse à frente de um Estado, estimularia o plantio de árvores e criaria um programa de estímulo como alternativa de renda aos produtores rurais. "É sazonal, mas a renda é boa". Hoje, o setor de base florestal planta o recorde de 1,8 milhão de árvores por dia no país.

Em 2028, último ano do ciclo de investimentos já conhecido, a Arauco planeja colocar em operação sua primeira fábrica de celulose no país. Com investimento estimado em US\$ 3 bilhões, o grupo chileno poderá produzir inicialmente 2,5 milhões de toneladas por ano na unidade que será construída em Inocência (MS).

Mas seus planos para o Brasil não se encerram naquele ano. Embora o Projeto Sucuriú contemple a construção, neste momento, de uma linha de celulose, a licença prévia concedida pelo Conselho Estadual de Controle Ambiental (Ceca) ao grupo chileno compreende um total de 5 milhões de toneladas por ano, mediante investimen-

tos de R\$ 28 bilhões. A segunda linha em Inocência poderia entrar em operação já em 2032.

A Suzano, dona do maior projeto em curso atualmente, o Cerrado, também projetou a unidade que está construindo em Ribas do Rio Pardo (MS) para receber uma segunda linha no futuro. Orçado em R\$ 22,2 bilhões, um dos maiores investimentos privados em curso no país, Cerrado terá capacidade de produção inicial de 2,55 milhões de toneladas por ano de celulose de eucalipto — a maior linha única do mundo — e entrará em operação até junho.

Ainda em Mato Grosso do Sul, a Eldorado Brasil tem um projeto antigo de expansão, interrompido pela disputa ferrenha e agora longa entre as sócias J&F Investimentos, da família Batista, e a Paper Excellence, do empresário indonésio Jackson Wijaya. Os dois lados já indicaram que, encerrado o conflito, o primeiro passo será mais do que duplicar a capacidade da fábrica de Três Lagoas.

O dono da Paper reconhece a relevância do Brasil como fornecedor de fibras celulósicas para o mercado global e, apesar da frustração por causa da disputa com a sócia, almeja ampliar presença por aqui. O grupo já se reuniu com governadores de diferentes Estados, no intuito de construir uma fábrica de celulose do zero, mas a disposição de colocar novos recursos no Brasil ainda esbarra na briga societária. Na indústria, Minas Gerais tem sido apontado como um dos Estados de interesse da Paper.

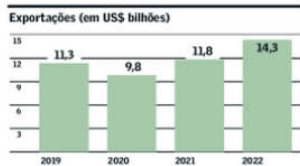
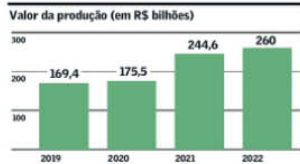
A Bracell, controlada pelo gigante asiático Royal Golden Eagle (RGE), também colocou os pés no Estado do Centro-Oeste, oficialmente em busca de madeira para atender à megafábrica de celulose de Lençóis Paulista (SP). Mas a percepção, no setor, é a de que o ímpeto vai além do acesso a matéria-prima. A leitura é que a Bracell, que neste momento nega a intenção, estaria montando base florestal para ter instalações industriais no Estado futuramente.

É da Bracell um dos grandes investimentos do ciclo atual da indústria: R\$ 5 bilhões em uma fábrica de papéis de higiene (tissue) ao lado da planta de celulose de Lençóis e em ativos de produção de químicos usados no processo produtivo da celulose.

"O jogo da celulose, nos próximos anos, ocorre muito focado em Mato Grosso do Sul", diz o secretário estadual Jaime Verruck, cuja pasta, de Semadesc, responde por Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação. De fato, Mato Grosso do Sul deve se manter como destino dos próximos projetos de celulose, por dispor de recursos hídricos e ao menos 7 milhões de hectares com baixo teor de argila e já degradados, porque foram pastagens, que podem receber mais

Indústria de base florestal em números

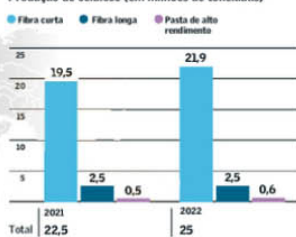
Brasil é o segundo maior produtor de celulose do mundo



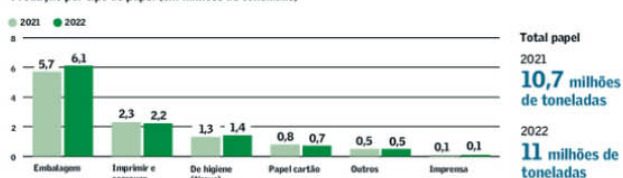
Maiores exportadores de celulose em 2022 (US\$ bi)



Produção de celulose (em milhões de toneladas)



Produção por tipo de papel (em milhões de toneladas)



Total papel
2021
10,7 milhões de toneladas
2022
11 milhões de toneladas

"Depois dos investimentos anunciados até 2028, vamos ter mais. O potencial do Brasil é enorme"
Paulo Hartung

planta de eucalipto. A meta é chegar a 2025 com 2 milhões de hectares plantados de eucalipto, superando Minas Gerais na liderança de área cultivada.

A costa leste do Estado, conhecida como "Vale da Celulose", conta com infraestrutura logística que pode ser incrementada com investimentos de R\$ 5 bilhões para se chegar a uma malha ferroviária consolidada, conectando-a à Malha Paulista, da Rumo, que vai até o Porto de Santos (SP). O Estado também vai investir cerca de R\$ 6,5 bilhões em rodovias, um gargalo importante.

Além da oferta de água, terra e logística, outros atributos levaram produtores locais e estrangeiros a se instalar em Mato Grosso do Sul. Há uma década, o Estado enten-

deu que celulose poderia ser ainda mais interessante que outras commodities agrícolas, por vir acompanhada de vultosos investimentos industriais. Por isso, passou a oferecer licenciamento facilitado para a cultura do eucalipto, sem abrir mão de exigências ambientais. Hoje, 91% da base plantada no Estado tem o selo FSC (Forest Stewardship Council). Agora, conta Verruck, a meta é atrair investimentos também no elo seguinte da cadeia de valor, de beneficiamento da celulose. O segmento de tissue está no radar.

Para o sócio-diretor do grupo Index, Marcelo Schmid, há outras áreas em Mato Grosso do Sul, além do eixo entre Três Lagoas e Ribas do Rio Pardo, que poderiam receber investimentos in-

dustriais. De qualquer maneira, a elevada competição por terras e madeiras exige uma nova postura dos produtores, avalia. "O setor florestal vai ter de dar um passo atrás e olhar produtividade por hectare. É mais barato olhar para o hectare que você já tem e produzir mais", explica, referindo-se à alta recente dos preços da madeira e da terras por causa da corrida por esses ativos.

Os investimentos do ciclo atual não se resumem a celulose e tissue. Maior em papéis para embalagem e embalagens de papelão ondulado, a Klabin está concluindo um aporte de R\$ 1,6 bilhão no Projeto Figueira, fábrica de papelão ondulado em Piracicaba (SP), depois de ter investido R\$ 21,4 bilhões nos projetos Puma I e Puma II.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Empresas **Caderno:** B **Página:** 4